



A devoção do Espírito Santo na cultura luso-açoriana

The devotion to the Holy Spirit in Portuguese-Azorean culture

EVILÁZIO FRANCISCO BORGES TEIXEIRA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O ser humano é essencialmente cultural, e a cultura possui pressupostos simbólicos que permitem a uma sociedade se movimentar. A religião é um dos espaços mais importantes no interior da cultura. No Rio Grande do Sul, formou-se a cultura luso-açoriana com a forte presença de açorianos que chegaram na metade do século XVIII. A cultura luso-açoriana, em suas práticas devocionais, caracteriza-se pela forte devoção ao Espírito Santo que se manifesta através das Irmandades do Divino Espírito Santo, por meio das bandeiras do Divino, da pomba do Espírito Santo e das festas do Divino, pelas quais o povo luso-açoriano manifesta a sua fé e sua relação com o sagrado.

Palavras-chave: Cultura; Açores; Devoção; Espírito Santo

Abstract: The human being is essentially cultural, and culture has symbolic assumptions that allow a society to move. Religion is one of the most important spaces within the culture. In Rio Grande do Sul, the Portuguese-Azorean culture was formed with the strong presence of the Azorean, who arrived in the mid-eighteenth century. The Portuguese-Azorean culture, in its devotional practices, is known by an intense devotion to the Holy Spirit, which is manifested through the Brotherhoods of the Holy Spirit, by means of the flags of the Divine, the dove of the Holy Spirit and the Divine parties, by which the Portuguese-Azorean people manifest their faith and their relationship with the sacred.

Keywords: Culture; Azores; Devotion; Holy Spirit

O ser humano é essencialmente cultural e a cultura possui pressupostos simbólicos que permitem a uma sociedade se movimentar. Como perceber a presença de Espírito Santo no mundo, na história e na cultura dos homens? A religião é um dos espaços mais importantes no interior da cultura. Ela é a espinha dorsal e em algumas sociedades atinge todos os setores da vida cotidiana.

No Rio Grande do Sul, formou-se a cultura luso-açoriana com a forte presença de açorianos que chegaram na metade do século XVIII e com a sua íntima vinculação com o povo luso. Fala-se então, em cultura luso-açoriana, que, em suas práticas devocionais, caracteriza-se pela forte devoção ao Espírito Santo que se manifesta através das Irmandades do Divino Espírito Santo, por meio das bandeiras do Divino, da pomba do Espírito Santo e das festas do Divino, pelas quais o povo luso-açoriano manifesta a sua fé e sua relação com o sagrado.

Já nos primórdios de sua formação, a sociedade açoriana é fruto do encontro de várias correntes migratórias. Rejane Salvi afirma que, graças a esse fato, vislumbramos nos Açores uma sociedade diferenciada,

através de suas nove ilhas que, por sua vez, tiveram distintos processos de povoamento, quer seja na origem dos grupos populacionais, quer pelos motivos que levaram à ocupação.¹ No entanto, afirma Rejane: “Apesar das variantes nas componentes da tradição oral e escrita, esta sociedade possui um fundo cultural homogêneo, manifesto pela sua linguagem, pela religiosidade e pelos costumes em geral”.² Surge um questionamento: dada a diversidade migratória ocorrida nos Açores, haverá um tipo açoriano? Análises e estudos feitos com tal intuito não raro de cunho psicológicas afirmam que, devido ao ambiente, à influência do clima, ao vulcanismo, ao isolamento e à influência do mar, marcaram profundamente o caráter do ilhéu. Além da influência na sua personalidade, exerceram também papel preponderante no seu estilo de vida, na sua forma de conceber e se relacionar com o sagrado e em seus costumes, tradições e relações sociais.

¹ Cf. SALVI, Rejane. *Panorama Açoriano*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1990, p. 75.

² *Ibidem*, p. 75.

De qualquer forma é difícil, se não impossível, determinar com exatidão o caráter do povo ilhéu.

Dante de Laytano tenta uma possível caracterização: “Os açorianos são geralmente de um caráter alegre e expansivo, amam a música, a dança, as representações teatrais, as reuniões de máscaras, as loucuras do carnaval, as cavalhadas, as corridas de touro, que são o delírio da mocidade Terceirense, e as festas do Espírito santo, as mais populares e gerais do Arquipélago”.³ Rejane Salvi, de igual forma, baseando-se em estudos feitos e na observação realizada durante o tempo em que estudou e pesquisou *in loco* sobre a cultura açoriana, assim se expressa: “Receptivo e vulnerável à intervenção de fatores que não condicionam a cultura portuguesa, o açoriano expressa a sua maneira de estar no mundo, estimulado por determinantes específicas encontradas no Arquipélago, sejam da origem psicológica (resultado do isolamento) ou material (de ordem econômica), sejam de procedência histórica (influências do povoamento) ou religioso (determinante esta que interferiu ainda em outros movimentos da sociedade, como tradição e o moral)”.⁴

A discussão, no entanto, continua aberta. Para Cristóvão de Aguiar, não existe um tipo açoriano e sim um mito, uma vez que não há uma história própria nem um espírito açoriano. Para esse autor, existe o Micaelense, o Terceirense sem poder formar-se um tipo humano específico que englobe todos os habitantes de todas as ilhas num só.⁵ De qualquer forma, o povo ilhéu vive embebido numa profunda nostalgia. O amor para com a terra onde nasceu é fonte de sua principal inspiração. Sua cultura e ações demonstram incomensurável mística, saudade e busca. A poesia açoriana comprova isso. Vitório Nemésio, grande poeta açoriano, fala numa espécie de embriaguez do isolamento que impregna a alma e os atos do ilhéu estruturando-lhe o espírito.⁶ Sua poesia é marcada por um profundo sentimento telúrico, como mostra na primeira estrofe, no seu poema:

ILHA AO LONGE

I

Pedra torrada, transtorno do mundo,
Alvorada no pasto à estrela firme:
Numa gota de leite penso à tarde,
vontade de ir-me.
E no fundo de tudo arde.

Nemésio faz referência à determinante do meio sobre o homem: “Estamos enraizados pelo habitat a um monte de lavas que nos penetra. Somos de carne e de pedra, os nossos ossos mergulham no mar”.⁷

O cristianismo introduz uma novidade a respeito de Deus quando postula a ideia e a crença em um Deus único e verdadeiro em três pessoas. Um só Deus, porém, trino: Pai-Filho-Espírito Santo, representando a perfeita

comunidade”.⁸ A pretensão desse trabalho é abordar a figura do Espírito Santo, numa cultura específica, ou seja, na cultura luso-açoriana, que se caracteriza por uma forte veneração ao Espírito Santo, tendo nas denominadas “Festas do Divino” sua máxima expressão.

Origens da festa do Divino na cultura açoriana

A festa do Divino possui duas partes: uma primeira, denominada a parte religiosa, data do início da Igreja, chamada a festa de Pentecostes, dia em que desceu o divino Espírito Santo sobre os Apóstolos. O livro Atos dos Apóstolos apresenta o seguinte texto:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar, de repente viu do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiram e que pousavam sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia se exprimissem.⁹

A segunda parte nos vem dos festejos populares. Esta festa teve a sua origem em Portugal, no século XIV.¹⁰ Da origem desta festa, conta-se a seguinte história:

O rei Dom Diniz se desentendeu com o seu filho, o infante Dom Afonso, devido ao fato de o pai dar mais atenção ao seu irmão ilegítimo. O exército se dividiu e ambos pegaram em armas.

A rainha, Isabel de Aragão, desesperada, vendo que poderia perder o marido ou o filho, fez uma promessa ao Divino Espírito Santo, que consistiu no seguinte. Se houvesse reconciliação entre o pai e o filho, pediria ao rei para fazer uma grande festa, em todo

³ LAYTANO, Dante de. *Arquipélago dos Açores*. Porto Alegre: EST-ND, 1987, p. 28

⁴ SALVI, Rejane, op. cit., p. 88

⁵ GUIAR, Cristóvão de. In: SALVI, Rejane, op. cit., p. 86.

⁶ Cf. Rejane Salvi, op. cit., p.88

⁷ NEMÉSIO, Vitorino. O Açoriano e os Açores. In: SALVI, Rejane, op. cit., p. 88.

⁸ Leonardo Boff em seus escritos referentes à Trindade na perspectiva da Teologia da Libertação faz uma ampla abordagem sobre esta temática. Especialmente em seu livro *A trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁹ At 2, 1-4

¹⁰ Alguns historiadores determinam as origens das festas do Espírito Santo a partir do surgimento de uma instituição que tinha por objetivo ajudar os pobres atingidos pela fome que se alastrou no império de Otho V, entre 1197 e 1218. Acredita-se que desta instituição germânica se teria propagado, para outras partes da Europa cristã, a festa em homenagem ao Divino Paráclito que hoje se conhece. E foi desta devoção que levou a rainha Santa Isabel de Aragão, no ano de 1296, na capela de Alenquer, a realizar, ainda com caráter desconhecido, uma cerimônia em que um pobre foi convidado a tomar o lugar do rei, sendo servido pelo monarca e recebendo do bispo o cetro e a coroa ao som do *Veni Creator Spiritus*. Esta abordagem a encontramos em Rejane Salvi.

Portugal, em louvor ao Divino Espírito Santo. Além disso, construiria uma igreja em Alenquer, em honra à terceira pessoa da Trindade.

Animada por sua fé, suplicou ao marido e ao seu filho Afonso que tivessem pena dela. Pai e filho atenderam ao seu pedido, fazendo as pazes. Retomada a paz, a rainha contou ao rei a promessa feita e Dom Diniz deu ordem para que a festa fosse realizada. Fez-se para este fim a doação de sua coroa e toda a nobreza foi convidada para fazer parte. Os festejos foram marcados por bandas de música, alferes, bandeiras, fogos, etc... O povo gostou tanto que todos os anos, durante o mês de maio, cinquenta dias após a Páscoa, a festa se repetia.

Assim surgiu, sob os auspícios da rainha Santa Isabel a primeira Irmandade do Divino.

Manuel Boda Simões contesta essa afirmação, afirmando que todos os escritores que dizem que a Rainha Santa Isabel foi a criadora de um culto em Alenquer têm por base a crônica do frei Manuel da Esperança que descreve a história com um cariz jornalístico, no século XVI, quatrocentos anos depois do reinado de Dom Diniz. Os detalhes não são credíveis visto que não existem documentos, neste período que medeia entre o reinado de D. Diniz e a obra de frei Manuel da Esperança, que permitam tal descrição. Conforme esse autor a versão de que se teriam iniciado as festividades do Divino na época de Dom Diniz parece novelesca.¹¹

No Brasil, a devoção ao Espírito Santo foi trazida pelos colonizadores portugueses, vindos do continente e das ilhas dos Açores. Por volta do século XVIII, chega às costas da Bahia, irradiando-se para outras regiões brasileiras. Segundo Morais Filho: *Até no ano de 1855, nenhuma festa popular, no Rio de Janeiro, foi mais atraente e mais alentada de satisfação geral do que a festa do Divino.*¹²

Esta festa, trazida pelos colonizadores portugueses que incorporaram os costumes de nosso povo, especialmente em algumas regiões, além de ter um cunho religioso, é também de profundo caráter cultural, arraigada aos costumes tradicionalistas do homem do campo e é comemorada através de múltiplos atos públicos. Esta festa serviu para obter a integração das famílias e da população em geral.

No Rio Grande do Sul, a devoção ao divino chega pelas águas, através do porto de Rio Grande. Por lá, entraram os primeiros contingentes de açorianos que vieram povoar o Continente de São Pedro, em torno de 1751.

Visita da Bandeira

A bandeira é devoção ao Divino Espírito Santo e se constitui num dos símbolos mais significativos da festa do Divino. Sua cor vermelha representa as línguas de fogo que desceram sobre os primeiros cristãos no dia de Pentecostes. A figura da pomba, no centro da bandeira, lembra o Espírito Santo que desceu nesta forma quando Jesus recebeu o Batismo pelas mãos de João Batista nas margens do Rio Jordão.

Para a cultura lusa, nenhum santo pode ser colocado acima ou igual a Deus; em todos os aspectos da sua vida a louvação, o canto, a oração em versos acompanham o seu dia-a-dia.

A bandeira é esperada e aguardada com muito entusiasmo e veneração. Ao perceberem a aproximação da comitiva, através da batida do tambor, as famílias abrem a porta da frente da casa e aguardam a comitiva que canta os versos de chegada:

I
Este é o primeiro verso
que nesta casa eu canto
em nome de Deus começa
Padre, Filho, Espírito Santo.

As pessoas que entregam e recebem a bandeira fazem rigorosamente o ritual tradicional que consiste, em ao receber a bandeira, beijá-la piedosamente e introduzi-la em todas as peças da casa. Enquanto se leva a bandeira, reza-se o creio. Ao chegar nos quartos, o padre dá a bênção aspergindo água benta, nas peças da casa. A bandeira fica por alguns minutos sobre a cama. Terminada a visita, os demais elementos que compõem a comitiva entram e o dono lhes oferece com e bebes, iniciando, ao som da música, cânticos característicos de louvação e peditório.

I
Senhor dono da casa
cidadão civilizado
do Divino Espírito Santo
sempre seja abençoado.
Deus vos salve casa santa
onde Deus fez a morada
do Divino Espírito Santo
sempre seja abençoada...

Terminada a visita no interior da casa, a bandeira é levada aos galpões, às mangueiras e outras dependências da propriedade. Na despedida, beijada novamente, enfeitam-na com flores, fitas e frutas. Os donos da casa fazem oferendas à bandeira, que consiste em alimentos para festa e até mesmo dinheiro. Quando a família é pobre, dá-se o contrário. A bandeira tanto recebe quanto dá oferendas.

¹¹ SALVI, Rejane, op. cit., p. 138.

¹² MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia., 1946, p. 179.

No caso de a comitiva pousar na casa, a bandeira fica no quarto do casal e, se por ventura, houver alguém doente, serão feitas preces especiais, pedindo ao Divino Espírito Santo sua cura.

A bandeira do Divino é sempre o mais ostensivo objeto de culto em todo o ritual, é diante dela que as pessoas se colocam de joelhos para beijar sua ponta. É ela que é passada sobre a cabeça dos fiéis como uma forma indiscutível de bênção do Divino. Diante do altar é a ela que se reza o terço, ou é ao seu “Santo”, através da presença da bandeira.¹³

Existe um consenso e uma crença entre as famílias de que a festa do Divino é a festa do Amor. Tudo é orientado no sentido de compreender de modo mais profundo a mensagem da terceira Pessoa da Trindade. Diante da visita da bandeira, cessam as discórdias e inimizades de modo que todos tenham sentimentos fraternos.

A festa do Divino é uma festa voltada para a harmonia, o entendimento e os sentimentos de irmandade.

O momento da saída da bandeira é carregado de forte emoção, novamente o dono e os familiares se ajoelham diante dela, beijam-na e fazem-na passar sobre suas cabeças. Durante este ritual, cantam os versos de despedida:

I
A bandeira se despede
desta casa hospitaleira, ai, ai!
Os devotos do Divino
estão beijando a bandeira, ai, ai!
Uns devotos vão chorando
outros sorriem de contentes, ai, ai!
Se Deus quiser para o ano
voltaremos novamente, ai, ai!

A novena, que começa nove dias antes da festa, constitui-se em momento forte de fé, piedade e devoção. Em cada noite da Novena, os festeiros acompanham com os noveneiros o capitão do mastro, os alferes da bandeira, as aias do Divino, os sacerdotes paramentados e pelo povo em geral vai ao salão (Império do Divino) e em procissão com as bandeiras vão até a Igreja onde é celebrada a novena.

O Espírito Santo no mistério da trindade – aspectos teológicos

Na revelação Cristã, Deus se revela como amor. Não um amor egoísta e narcisista como presenciamos nas

relações entre os homens de nosso tempo, mas um amor que é comunhão, relação e participação.

No Cristianismo, Deus não apenas tem um coração, mas sobretudo, revela-se como um Deus que ama loucamente o homem, com um amor especial e personalizado. Deus ama a cada um de forma única e exclusiva; seu amor, pela criatura humana é ardente como o fogo.

O Evangelista João foi quem mais escreveu sobre o amor de Deus e compreendeu que o amor de Deus passa pelo amor ao irmão. A experiência de Deus leva a um comprometimento com os outros. E nesse sentido o compromisso é um imperativo do amor.

Caríssimos, amemo-nos uns aos outros,
pois todo o amor vem de Deus
e todo aquele que ama
nasceu de Deus e conhece a Deus.
Aquele que não ama
não conheceu a Deus.
Porque Deus é amor.

De igual forma, João aborda, em sua carta, a necessidade do compromisso inerente ao amor. Para João, o amor a Deus reclama essencialmente pelo amor aos outros. O amor a Deus que não se materializa na busca e no comprometimento com o outro é uma mentira:

Se alguém disser “amo a Deus”,
mas odeia o seu irmão é mentiroso
pois quem não ama seu irmão a quem vê
a Deus, a quem não vê, não poderá amar.¹⁴

A esse mistério de amor nós o chamamos de Trindade. Trindade é a palavra usada para indicar que Deus, tal como se experimenta na fé Cristã, é Pai, Filho e Espírito Santo.

E assim se estabeleceu um círculo de dons no qual, cada pessoa mantém sua identidade sem guardar nada para si mesma. Em Deus, temos uma comunidade de amor vivida pelo Pai que cria o universo inteiro, cria cada um de nós, entrega seu Filho para a salvação da humanidade e, no Espírito santo, santifica todas as coisas.

Acreditamos realmente que o Espírito Santo é a força que impulsiona para o futuro? A energia que arranca o mundo do seu passado? Acreditamos mesmo que o Espírito Santo continua presente e atuante no mundo? E que ele traz no seu bojo a novidade de Deus no tempo e na história?

Nos últimos anos, através da influência de teólogos ortodoxos e da Igreja oriental, que acentua fundamentalmente a ação do Espírito Santo na liturgia e na mística, permitiu a Igreja do ocidente uma abertura maior para a realidade do Espírito.

Na conferência de Upsala, em 1968, um metropolitano oriental dizia no discurso inaugural:

¹³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado, estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 175.

¹⁴ 1 João 4,20-21

“O Espírito Santo é a novidade atuando no mundo. Ele é a presença de Deus conosco junto ao nosso espírito. Sem ele, Deus permanece distante, Cristo permanece fixado no passado, o evangelho é letra morta, a Igreja uma simples organização, a autoridade uma dominação, a missão uma propaganda, o culto uma evocação e o agir cristão uma moral de escravos.

Nele, o cosmos se levanta e geme no parto do Reino, o homem luta contra a carne, Cristo Ressuscitado está aí, o Evangelho é potência de vida, a Igreja significa a comunhão Trinitária, a autoridade é serviço libertador, a missão é Pentecostes, a liturgia é memorial e antecipação, o agir é deificação.”¹⁵

A devoção ao Espírito Santo na cultura luso-americana – diálogo com a teologia

Qual é a relação que a cultura açoriana possui com o Espírito santo? Quando falamos do Divino Espírito Santo para o povo luso-açoriano, este compreende que estamos falando do Espírito Santo de Deus ou de um “santo forte”? As festas do Divino, tão estimadas e veneradas pelo nosso povo, são expressões de louvor à Terceira Pessoa da Trindade ou devoção a mais um santo dentro do vasto cenário santoral da Igreja católica?

O que representa para o homem o fenômeno do sagrado? O fenômeno do sagrado implica uma atitude e dimensão de fé em que com frequência o imaginário e o vivido caminham lado a lado. Daí a dificuldade de perceber e diferenciar os aspectos teológicos de aspectos meramente folclóricos.

É relativamente complexo separar aqui o que é da fé e da religião daquilo que é do folclore e da tradição cultural. Concordamos com Antônio Farina de Carvalho quando escreve que: “falar sobre o culto do Divino Espírito Santo, a festa tão querida dos açorianos, não é tarefa fácil. Em temas como este, carregados de religiosidade, não é fácil descobrir onde acaba a teologia e começa a tradição. Aqui a cultura popular atinge seu expoente máximo emprestando ao rito uma riqueza, a tal ponto vivida, que ultrapassa os quadros conceituais da teorização dos dogmas”.¹⁶

A cultura açoriana caracteriza-se por uma forte religiosidade popular. E, como tal, seu modo de expressar-se é bem mais devocional do que sacramental. A religião popular é denominada de religião de devoção e quando relacionada com a religião oficial goza de uma certa autonomia no que diz respeito à instituição eclesiástica, ainda que ambas tenham traços comuns e estejam interligadas.

Essa religiosidade popular manifesta-se na cultura açoriana, sobretudo, na devoção aos santos. Os açorianos veem na figura dos santos alguém em quem se apegar. Através da “promessa”, estabelecem com os santos uma relação de familiaridade e de intimidade.

As promessas são entendidas como o estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre um santo e um indivíduo. Essa reciprocidade entre os homens e os santos é encarada como uma troca de favores através da qual os homens procuram obter proteção.

A promessa ao Divino Espírito Santo é muito apreciada pelo luso-açoriano, bem como as novenas que no imaginário religioso açoriano constituem numa espécie de promessa. Na promessa, a relação que se estabelece tem valor de contrato e “aliança” ou, ainda, uma relação de padrinho-afilhado. O devoto deve prestar um culto ao seu santo de devoção de modo regular. Evidentemente, cada um tem sua maneira de expressar sua devoção e, no caso das festas do Divino, isso aparece nas formas mais variadas: vestir uma criança de “anjinho”, caminhar de pés descalços, carregar o andor, passar a bandeira, mandar rezar uma missa, etc.

Uma vez estabelecida a aliança com o santo, essa não é rompida nem depois da morte. O santo prepara no céu o lugar de seus devotos. O que o santo exige é, antes de tudo, confiança e devoção por parte de seu devoto sendo raras as exigências de caráter moral.

Obtida a “graça”, está feita a parte do santo no contrato. Cabe agora ao fiel fazer sua parte. A promessa deve ser paga senão o fiel torna-se devedor do santo, correndo até o risco de não poder ir para o céu depois da morte.

Enfim, há o contrato em que o fiel cumpre sua parte antes do santo: são as novenas. Só ao terminar a novena o santo concede a “graça”, pois então é ele quem estará em débito para com o fiel.

Importante salientar que existe uma diferença entre contrato e aliança. Enquanto que aliança expressada pela devoção é permanente, contrato expresso pela promessa, novena ou invocação é transitório. Obtida a graça e paga a promessa nada mais existe entre o fiel e o santo senão o reconhecimento pelo benefício alcançado.

Nas festas do Divino há muita semelhança entre as relações que os homens estabelecem com as entidades espirituais (no caso o Espírito Santo) daquelas estabelecidas nas relações sociais.

As relações com o Espírito Santo são pensadas nos moldes das relações existentes entre os que ocupam posições inferiores e os que ocupam posições superiores no sistema de estratificação social. A procura de protetores entre os mais poderosos e mais ricos é uma constante no comportamento dos camponeses e pobres sem poder, que necessitam estabelecer uma relação

¹⁵ COMBLIN, José, op. cit. p. 277.

¹⁶ CARVALHO, A. Farina de. In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Em louvor ao divino Espírito Santo*. Região Autônoma dos Açores: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1983, p. 9.

pessoal de dependência para garantir algum acesso aos recursos existentes. O patrão é visto como protetor que concede emprego e ao qual se deve obediência e respeito. Igualmente o padrinho é aquele que, além de ser o conselheiro em assuntos morais, ajuda a criança a começar na vida.

Nas festas do Divino, essas relações aparecem de modo mais acentuadas. Basta ver o tipo de pessoas que assumem a coordenação da festa. Não raro, são aquelas que possuem uma influência econômica razoável na comunidade, mesmo porque a festa exige inúmeros gastos, são os chamados festeiros ou Imperadores.

As condições sociais também determinam a forma de pagar a promessa. A promessa é paga pela promoção contratada de um dos rituais da festa, ou através da participação do suplicante em um dos seus momentos. Dessa maneira, um fazendeiro mais afortunado pode candidatar-se como festeiro ou alferes da bandeira para “pagar um voto válido”; pode promover uma folia ou doar dois ou três bezerras para um dos leilões, ao passo que um lavrador pobre pode no máximo carregar a bandeira por um ou dois dias ou oferecer uma galinha.

Essa questão social não é percebida pelo povo. Para os que participam da festa, essa relação é natural, mesmo porque todos de alguma forma participam da abundância das doações. E nesse sentido a festa como um todo não está ligada necessariamente a uma classe social. Tal constatação de que a religiosidade popular não está ligada a nenhuma classe social vislumbramos em alguns autores: “A religião popular não está exclusivamente ligada a uma classe social, econômica e culturalmente pobre; ela associa-se sim a um tipo de cultura que se transmite nas relações de vizinhança e na memória coletiva”.¹⁷

Por essa definição de Moisés do Espírito Santo, aplicada ao universo açoriano, poderemos entender quão mais intensa deve ser a religiosidade, uma vez que as relações de vizinhança são impostas e determinadas pelo condicionamento geográfico e pela memória coletiva, assim como a tradição mantém-se inalterada diante da mesma realidade que se traduz na insularidade.¹⁸

O culto do Divino Espírito Santo, nos Açores e nas regiões colonizadas pelos seus descendentes, mostra o modo do açoriano estar no mundo, de ser crente. A sua relação com a divindade é marcada pelo afeto e pela necessidade de proteção subjacente às contingências climáticas e geográficas do povo açoriano. Daí o fato de que a insegurança com que viviam os açorianos devido aos constantes abalos sísmicos foi um determinante de sua religiosidade.

Serpa afirma: “O vulcanismo é um dos fatores preponderantes nas relações homem-Igreja e na formação do espírito de fé. Apesar de entender que estes abalos sísmicos provocam a perda de confiança inata, o autor

considera que a única fonte de informação religiosa e humana, dado o isolamento, era a Igreja e que, a partir daí, não seria difícil imaginar o peso de uma interpretação religiosa apocalíptica das calamidades”.¹⁹

Para Moisés do Espírito Santo, no entanto, a presença obsessiva da religião entre os portugueses é acompanhada por uma muito forte tendência anticlerical por parte dos homens e esta justificativa histórica baseia-se num passado repleto de privilégios dados exclusivamente ao clero e uma forte discrepância entre o modo de vida do povo e dos eclesiásticos.

Para Antonieta da Costa, os açorianos são conhecidos como um povo muito religioso, embora se acrescente logo que de uma religiosidade especial e de modo diferente, de ilha para ilha. Diz-se por exemplo, S. Miguel revela, nas suas manifestações religiosas mais evidentes (Santo Cristo e os Romeiros), um sentido trágico, sofredor, enquanto que na Terceira as manifestações religiosas são alegres e festivas e a mais acentuada é justamente a devoção ao Divino Espírito Santo.²⁰

Os açorianos, de modo especial os terceirenses, possuem uma profunda veneração pelo Espírito Santo, embora exista uma certa clareza de que o Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade não conseguem explicar esse fenômeno de devoção, tão pouco o culto como um todo.

Em geral, as coisas estão bastante misturadas: o dado da fé e a tradição folclórica se fundem. Essa fusão é tão profunda que no imaginário açoriano se torna a mesma coisa. A festa da Igreja combina, nos mesmos dias que os festejos populares, e em situações ora sequentes, ora combinadas, se infundem o sagrado e o profano, o solene e o festivo.

Para o açoriano, a religião é um fato social. Tudo o que se faz durante o sábado e o domingo do Divino: “rezar”, “festar”, “gastar”, “comer”, “beber”, é praticado em nome do Espírito Santo e se confunde em uma mesma totalidade de fé e de festividade.

Nesse sentido, podemos dizer que a festa do Divino tanto nos Açores como nas demais regiões colonizadas por esses consiste num conjunto de rituais oscilantes entre cerimônias religiosas e festejos profanos de comemoração do Espírito Santo, todos compreendidos como uma situação anual da prática de rituais católicos não eclesiais (folias) e ritos de Igreja (missas, novenas, e procissões) e de trocas de bens e de serviços de produção de lazer.

A presença da Igreja no conjunto da festa é vista como importante, entretanto, independente do apoio ou

¹⁷ Espírito Santo, Moisés de. *A religião popular portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980, p. 15.

¹⁸ Cf. SALVI, Rejane, op. cit. p. 101.

¹⁹ Valadão Serpa, Caetano. *A gente dos Açores*. Lisboa: Prelo, 1978, p. 76.

²⁰ COSTA, Antonieta. *Religiosidade na Ilha Terceira*. Casa da Cultura e Juventude de Angra, 1991, p. 7.

não do padre, a festa popular acontece da mesma forma. Isto configura uma espécie de organização paralela que se relaciona com a orientação de líderes comunitários (Irmandades) e cada qual com a sua autonomia própria. Consta-se entre o povo essa atitude contraditória em relação à Igreja: de um lado a Igreja é vista como um ponto de referência, logo uma atitude de respeito para com ela; de outro lado perpassa um certo desencanto dada a falta de testemunho, a centralização do poder e o conservadorismo. Na juventude, esse desencanto se manifesta como indiferença pelas coisas da Igreja, uma vez que tal instituição está perdendo cada vez mais espaços entre os jovens devido a sua dificuldade de inserção no mundo juvenil.

O sentido de pertença à Irmandade é elevado, maior que o próprio sentido de pertença à Igreja e, curiosamente, estende-se à população não filiada às Irmandades. Tanto isso é verdade que na concepção de muitos é mais significativo pertencer a uma Irmandade que pertencer à Igreja. Participar da procissão, tocar na bandeira, carregar o andor ou mesmo participar do terço realizado no Império do Divino é mais importante ou tem o mesmo valor que a participação nos sacramentos, no caso a Eucaristia.

Decorre uma diferença de significados atribuídos ao ato entre, por um lado, os seus realizadores (representados na figura do imperador) e por outro lado os atos realizados pela Igreja / hierarquia (representado na figura do sacerdote).

Se na Igreja é o sacerdote que é o mediador do sagrado e ministra o rito, no culto, do Espírito Santo, realizado pelas Irmandades, é o homem comum, sem qualquer preparação quem executa os rituais sagrados, com o reconhecimento público deste privilégio.

A dimensão religiosa sempre ocupou um lugar de eleição no coração açoriano. Para o açoriano, o religioso e o profano dão-se as mãos de modo que formam uma unidade, unidade essa que perpassa também na relação do povo com a natureza. Em poucos locais, como nos Açores, o homem foi capaz de manter uma tão perfeita harmonia com a natureza. Através de símbolos como a coroa, o cetro, a bandeira, a pomba, o sacrifício do bezerro, a cantoria do pezinho, as diversas procissões, o povo manifesta e expressa a sua fé no Espírito Santo de forma material trazendo-o para o cotidiano de suas vidas.

A bandeira e a pomba, que são dois símbolos fundamentais na celebração, no imaginário e na fé do povo representam o Espírito Santo do Deus vivo. A bandeira para o povo tem o significado da bênção de Deus materializada, corporizada. Quando as pessoas veem a bandeira, elas querem tocá-la, cobrirem-se com ela. E ao tocarem-na dizem frases como: “Ah! meu Pai, Ah meu

Espírito Santo!... me ajuda” ... E choram, e rezam, e fazem questão de levar um pedaço de fita para casa para dar a algum parente doente ou em dificuldade. Nesse sentido, o povo vê na bandeira do Divino uma espécie de magia divina. Por meio da bandeira, a relação com Espírito Santo se torna uma espécie de conversa de sacrário e pés descalços entre a criatura e Deus.

E no símbolo da pomba? No símbolo da pomba, o povo na sua fé simples, possui uma sabedoria que ultrapassa nossos esquemas teológicos racionais. No Evangelho a pomba aparece como o símbolo do Espírito Santo e se olharmos para a figura da pomba percebemos que as pombas sempre voltam aos pombais. As pombas têm um senso de morada que impressiona. O Espírito Santo, que aparece na simbologia da pomba, traz à tona a ideia de que o Espírito Santo, como a pomba, sempre volta e reivindica a sua morada. E o povo, mesmo sem saber explicar, sabe que a morada do Espírito é o coração do homem. O açoriano de certa forma captou essa verdade de fé de que o Espírito Santo nunca “dá a cara” por si mesmo, mas ele sempre atua através dos outros. Por isso, a devoção açoriana ao Espírito Santo vai implicitamente em direção à Trindade.

Referências

- BOFF, Leonardo. *A trindade, a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado, estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CARVALHO, A. Farina de. In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Em louvor ao divino Espírito Santo*. Região Autónoma dos Açores: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1983.
- COMBLIN, José. A teologia do Espírito Santo. *Revista Teocomunicação*, n. 108, jun. 1995.
- COSTA, Antonieta. *O culto do Espírito Santo*. Angra do Heroísmo: Casa da Cultura e Juventude de Angra, 1991.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés de. *A religião popular portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- LAYTANO, Dante de. *Arquipélago dos Açores*. Porto Alegre, Est-ND, 1987.
- MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1946.
- SALVI, Rejane. *Panorama açoriano*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1990.
- VALADÃO SERPA, Caetano. *A gente dos Açores*. Lisboa: Prelo, 1978.

Recebido: 28 de novembro de 2013
Aprovado: 10 de dezembro de 2013
Contato: vila@puers.br